

A (DES)AFRICANIZAÇÃO DO EGITO ANTIGO: LEGADOS DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL NA CONTEMPORANEIDADE

THE (DIS)AFRICANIZATION OF ANCIENT EGYPT: THE HERITAGE OF THE MEDIEVAL IMAGINATION IN THE CONTEMPORARY AGES

Mikayla Grace Werneck³
Denise da Silva Menezes do Nascimento⁴

Artigo recebido em 15 de novembro de 2022
Artigo aceito em 15 de dezembro de 2022

Resumo: No presente artigo, as origens de certas representações embranquecidas do Egito Antigo serão discutidas, levando em consideração as representações do período nas imagens medievais. Nesse sentido, as concepções de tempo e de espaço no medievo serão analisadas para compreender o imaginário sobre o Egito Antigo do período e sua influência na atualidade.

Palavra-chave: Desafrikanização. Egito Antigo. História da África. História Medieval. Imaginário medieval.

Abstract: In this article, the origins of certain whitewashed representations of Ancient Egypt will be discussed, taking into consideration the representations of the period in medieval images. The concepts of time and space in the Middle Ages will be analyzed to understand the imagery about Ancient Egypt of said period and its influence today.

Keyword: Disafricanization. Ancient Egypt. African History. Medieval History. Medieval imagination.

Anne Baxter, Elizabeth Taylor, Joel Edgerton e Gerard Butler: o que estes atores têm em comum? Os quatro são atores brancos que interpretaram papéis de egípcios antigos em filmes nos últimos cem anos. Baxter e Taylor interpretaram duas rainhas egípcias, respectivamente a

³ Graduanda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob orientação da Prof. Dr. Denise da Silva Menezes do Nascimento. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação, Currículo e Ensino de História (GEPACEH). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4183-6675>. Contato: werneckmikayla@gmail.com

⁴

Nefertari no filme *Os dez mandamentos* (1956) e Cleópatra VII em *Cleópatra* (1963), e em produções mais recentes, Edgerton interpretou Ramessés II no filme *Êxodo: Deuses e Reis* (2014) e Butler o deus Seth no filme *Deuses do Egito* (2016). O tema do Egito Antigo é recorrente no cinema hollywoodiano, porém, a maioria dos filmes apresentam um elemento particular: o embranquecimento.

O processo de embranquecimento do Egito Antigo está fortemente ligado a uma visão tradicional eurocêntrica do campo da História, na qual, por muito tempo, estudava-se os grandes feitos dos grandes homens brancos, deixando de lado outros sujeitos históricos. Os questionamentos realizados neste artigo se voltam para o porquê deste fenômeno, buscando algumas de suas raízes na Idade Média e dialogando com discussões pós-coloniais sobre noções de sujeitos históricos.

Neste artigo procuramos trabalhar com uma discussão mais complexa do que o debate diacrítico de uma polarização dicotômica entre o egípcio ser branco ou negro (SHOHAT, 2004, p. 15; M'BOKOLO, 2009, p. 53). Ainda que as discussões sobre a fisiologia dos egípcios antigos denotam a predominância de negros na região (DIOP, 2010), é necessário levar em consideração certos momentos históricos, como os vários períodos de dominação cuxita no Egito faraônico e de dominação egípcia no Reino de Cuxe, na qual havia constante contato entre as duas sociedades. Nesse sentido, os questionamentos de M'Bokolo (2009) sobre quais egípcios e em quais períodos históricos do Egito Antigo foi palco de embranquecimento se mostram fundamentais para nossa discussão.

Importante salientar que para os fins deste artigo, seguiremos o discurso pan-africanista e estudos pós-coloniais, na qual o Egito Antigo é assemelhado ao negro, pois "a Antiguidade egípcia é, para a cultura africana, o que é a Antiguidade greco-romana para a cultura ocidental"

(DIOP, 2010, p. 34). Levando em consideração as colocações de Stuart Hall (2006; 2014) sobre identidade, compreendemos um sujeito histórico como indivíduo subjetivamente e discursivamente construído. Assim, destacamos a importância do pressuposto de um Egito Antigo africano e negro para o movimento pan-africanista na identificação de sujeitos negros na História Antiga.

Além do mais, ressaltamos algumas especificidades da análise de imagens para os fins deste artigo. Em primeiro lugar, destacamos o uso do termo *imagem* ao invés de *arte*, pois como Schmitt (2007, p. 45) afirma, não é uma questão de nos opormos ao termo *arte*, mas de restituir-lhe todos seus significados considerando as imagens materiais, o imaginário e a antropologia e teologia cristã. Assim, por meio da análise realizada neste trabalho, procuramos identificar as relações das quais as imagens medievais são o produto e as relações pelas quais são produtos (ARGAN, 2005, p. 20). Segundo Schmitt, “é certo que a imagem é sempre a imagem de alguma coisa. De onde a ilusão de que bastaria nomear o que ela representa para ter dito tudo da representação” (SCHMITT, 2007, p. 27). Dessa maneira, as imagens neste trabalho não serão utilizadas para representar o período medieval, mas sim como um meio de compreendê-las nas suas especificidades e nas suas relações dinâmicas com a sociedade cristã européia, o que por sua vez possibilita apreendermos as dinâmicas de embranquecimento do Egito Antigo.

O Egito Antigo no medievo

O olhar lançado sobre as populações do continente africano estava intrinsecamente relacionado à inserção do homem medieval em um tempo e espaço religioso que é compreendido tomando como referência a valorização do seu próprio presente, ou seja, cristão. Sendo assim,

Seria, a percepção medieval da realidade, qualitativa, adjetivada pelas expectativas que as verdades da fé despertariam no sujeito, fazendo do próprio corpo do mundo uma continuidade das expressões e necessidades avultadas no plano subjetivo pela doutrina das Escrituras, pelas imagens saltantes da pintura, da arquitetura, que pareciam enredar o homem medieval à trama divina, ao drama da salvação. (BAUAB, 2005, p. 71)

Destaca-se, outrossim, uma visão tripartite do mundo medieval (BAUAB, 2005, p. 84; MACEDO, 2001, p. 13), na qual Europa, Ásia e África são associados aos filhos de Noé, respectivamente, Jafé, Sem e Cam. No mito bíblico, Cam teria sido o filho que zombou da nudez do pai embriagado. Noé teria, então, amaldiçoado seu filho e todos os seus descendentes. Nesse sentido, nos manuais religiosos cristãos até pelo menos o século XIX, a associação dos filhos de Cam aos negros do continente africano se destaca, pois denota-se a pele negra de homens africanos (associados ao pecado e ao paganismo) e a pele branca de homens egípcios antigos — associados ao passado bíblico do povo judeu no deserto e, portanto, integrados a visão teleológica e escatológica do cristão — na imagem medieval.

Seguindo essa linha de raciocínio, é importante problematizarmos alguns conceitos relacionados à História Medieval. O primeiro é em relação a qual Idade Média analisaremos. Diferentemente de uma noção única de uma História Medieval, lidaremos com a noção de pluralismo histórico, ou, nas palavras de Hayden White, o pressuposto de

[...] um número de relatos igualmente plausíveis do passado histórico ou, alternativamente, um número de construções diferentes, mas igualmente significativas, daquele campo indeterminado de ocorrências passadas que por convenção chamamos de “história”. (WHITE, 1989, p. 484, tradução nossa)

Sendo assim, partimos do pressuposto de Amalvi (2006, p. 537) de que a Idade Média é uma fabricação ou uma construção. Há várias temporalidades em debate quando se discute a Idade Média, porém uma concepção particular se colocou como o universal,

hegemonizando a História: a da Igreja Católica. Por muito tempo, a tradição historiográfica de quem somos tributários universalizou o particular da Igreja como hegemônico quando se trata de História Medieval, ou seja, se voltou para a Europa, o branco e o masculino. E isto refletiu na imagem que temos do continente africano no período analisado, na medida em que as atenções voltavam-se para a chamada África Mediterrânea, melhor integrada aos pressupostos vigentes de sujeitos históricos. Ainda que a História Medieval se refere a uma divisão temporal construída do passado, neste artigo, os termos “medievo” e “medieval” se referem a Europa ocidental, posto que entendemos que as especificidades das sociedades africanas no período que convencionamos chamar de Idade Média são importantes o suficiente para questionarmos nossas delimitações de tempo histórico para tal espacialidade.

Problematizaremos mais alguns conceitos antes de abordar as representações artísticas do passado egípcio, posto que se faz importante compreender não somente a imagem medieval, mas também as concepções de tempo e de espaço na mentalidade dos homens medievais. Como dito anteriormente, a História Medieval foi hegemonizada como a História da Igreja Católica, e portanto, o tempo da Igreja foi universalizado como o tempo do medievo. Ainda que houvesse outras concepções de tempo — como Halbwachs (1947 apud. Le Goff, 1979, p. 55) afirma, não havia um único tempo para todos os grupos existentes — levaremos somente em consideração o tempo da Igreja em prol das análises que serão feitas de imagens presentes em manuscritos ilustrados e pinturas medievais.

Desse modo, percebemos por meio de autores como Paul Rousset (1951 apud. Le Goff, 1979, p. 49) e Marc Bloch (1982, p. 96) o modo que os homens medievais concebiam o tempo: um tempo imperfeito sem

noção de duração nem precisão, resultado de uma indiferença pelo tempo. O tempo, para o homem da época feudal, seria um tempo de Deus, um tempo teológico, assim, “como se tem dito, para o cristão da Idade Média... sentir que existe é sentir que é e sentir que é equivale a sentir que não mudou, que não sucedeu a si mesmo, é sentir que subsiste...” (LE GOFF, 1979, p. 47).

Na concepção agostiniana, por exemplo, problematizou-se a forma de medir o tempo, pois o passado e o futuro não existem: “Eu meço o tempo, sei isso, mas não meço o futuro, porque ainda não existe, não meço o presente, porque não se estende por nenhuma extensão, não meço o passado, porque já não existe” (AGOSTINHO, Confissões Livro XI, XXVI, 33). Mediu-se, assim, o tempo por meio do presente: “[...] está presente a minha atenção, através da qual passa o que era futuro, de molde a tornar-se passado” (AGOSTINHO, Confissões Livro XI, XXVIII, 38).

Portanto, o passado — notadamente o passado bíblico — era constantemente atualizado, incorporado e revivido no presente. O homem medieval “vive num constante anacronismo, ignora a cor, reveste as personagens da Antiguidade de hábitos, sentimentos e comportamentos medievais” (LE GOFF, 1990, p. 218-219), o que por sua vez não pode ser dissociado aos imaginários sobre as sociedades africanas, sobretudo da África Mediterrânea, tida como integrada ao mundo medieval e, portanto, a este facultada a cristianização e embranquecimento dos grupos que habitavam aquela espacialidade.

Considerando o modelo teológico do Ocidente, a geografia da Idade Média também partiu de premissas religiosas, dando lugar para o espaço bíblico. Nesse sentido, Bauab (2005) destaca o caráter abstrato, simbólico e alegórico da cartografia medieval, superando uma realidade material e dialogando com a realidade espiritual. O espaço desértico também se encontra nessa concepção, em que se destaca

sua importância no judaísmo, cristianismo e islamismo:

“os modelos culturais do Ocidente medieval vêm, em primeiro lugar, da Bíblia — isto é: do Oriente. O deserto é aí uma realidade simultaneamente geográfico-histórica e simbólica” (LE GOFF, 1994, p. 83).

O deserto no Antigo e no Novo Testamento possuía uma certa ambiguidade, pois ao mesmo tempo que fosse um lugar de teofania, também era o lugar de encontro com Satanás (LE GOFF, 1994, p. 88). Ainda assim, por causa da sua espiritualidade, o deserto foi um espaço procurado para o eremitismo e a construção de mosteiros. Essa geografia espiritual se destaca principalmente em hagiografias, nas quais são relatadas viagens realizadas no deserto.

O próprio termo “deserto” é problematizado por Castanho (2015), na qual o sentido de “deserto” enquanto lugar de ausência de homens, de autores como Le Goff é debatido. Tendo como base textos de Isidoro de Sevilha (560-636), Castanho destaca a ambiguidade do termo, pois

um espaço se torna deserto após ter sido desertado (abandonado) pelas pessoas que ali habitavam; ou seja, a própria noção de deserto pressupõe, em contexto latino medieval, a ocupação prévia do espaço e as marcas arqueológicas que dela decorrem. (CASTANHO, 2015, p. 125)

Levando em consideração os aspectos levantados até aqui, podemos iniciar nossas ponderações sobre o porquê das representações artísticas do Egito Antigo como um feudo europeu. Iniciaremos com uma cena da travessia do Mar Vermelho (figura 1), parte de um afresco pintado por Bartolo di Fredi (1330-1410) na Collegiata di Santa Maria Assunta (ou Duomo di San Gimignano), igreja na cidade italiana de San Gimignano. Nesta cena, vemos a figura do Moisés conduzindo o povo hebreu à terra santa, passando pelo Mar Vermelho, porém, ambos os egípcios e os hebreus representados na obra estão com vestimentos e armaduras tradicionalmente medievais.



Figura 1: Scenes from the Old Testament (1367)

Fonte: https://www.newliturgicalmovement.org/2020/10/the-collegiate-church-of-san-gimignano_31.html#.Y3KglHbMLIV,
Acesso em: 14/11/2022.

Outras representações neste estilo estão presentes na Bíblia figurata, pars I, escrita por Bernardus Guidonis (1261-1331), na qual são descritas cenas da vida de José, filho de Jacó, no Egito (figura 2). Neste mesmo manuscrito ilustrado, há a presença da mesma cena citada anteriormente, a travessia do Mar Vermelho (figura 3). Destaca-se, mais uma vez, uma europeização das vestimentas e da aparência geral dos egípcios e dos hebreus, e até do espaço geográfico visto nos fundos das obras.

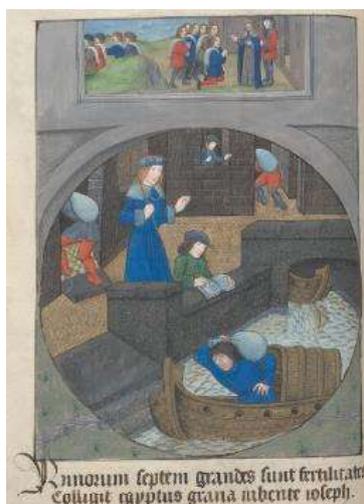


Figura 2: Bíblia figurata, pars I; Bernardus Guidonis, Nomina discipulorum Domini

Fonte: <https://lib.ugent.be/en/catalog/rug01:002911432>,
Acesso em: 14/11/2022.

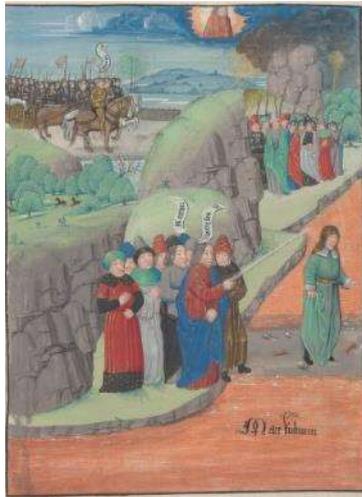


Figura 3: Biblia figurata, pars I; Bernardus Guidonis, Nomina discipulorum Domini
 Fonte: <https://lib.ugent.be/en/catalog/rug01:002911432>,
 Acesso em: 14/11/2022.

Assim, percebemos nessas imagens o que Schmitt (2007, p. 27) chama da função de construir o real de um modo que lhe é próprio, ou seja, por meio das imagens uma assemelhança que os medievos realizavam com as personagens sacras. Desta forma,

A "arte" medieval não se encontra submetida à mimesis dos Antigos [...] As formas figurativas e as cores são, antes de tudo, concebidas como indícios de realidades invisíveis que transcendem as possibilidades do olhar. As imagens não saberiam "representar" — no sentido habitual do termo — essas realidades. Poderiam no máximo tentar "torná-las presentes", "presentificá-las". (SCHMITT, 2007, p. 14)

A (des)africanização do Egito Antigo na contemporaneidade

O imaginário eurocentrado cravou raízes e se manteve para além do período Medieval. Nos séculos XVIII e XIX, observamos que havia autores, dentre os quais destacamos Hegel, dedicados a pensar determinados espaços do continente africano de modo a desafricanizar partes daquele território. Nesse sentido, o continente comportaria

por decirlo así, de tres partes completamente separadas, sin relación alguna entre sí. Una de ellas es la situada al sur del desierto de Sahara, el África propiamente dicha, la altiplanicie

casi desconocida para nosotros, con estrechas fajas de litoral. La segunda es la situada al norte del desierto, el África europea, por decirlo así, país costero. La tercera es la cuenca del Nilo, el único valle del África y en relación con Asia. (HEGEL, 2005, p. 278)

Enquanto no medievo, o Egito Antigo foi ressignificado religiosamente, na Idade Contemporânea, percebemos uma reinterpretação epistemológica, uma vez que “a egiptologia foi também responsável pela “desafricanização” do Egito. [...] No século XIX, o passado egípcio passou a ser interpretado a partir de uma perspectiva imperial tanto britânica quanto francesa” (SAGREDO, 2017, p. 26). Sendo assim, o discurso eurocêntrico que deu lugar para a desafricanização do Egito

[...] surgiu inicialmente como um discurso de justificação do colonialismo, quando as potências europeias atingiram posições hegemônicas em grande parte do mundo. De fato, J. M. Blaut o chama de “modelo de mundo do colonizador”. Como base ideológica comum ao colonialismo, ao imperialismo e ao discurso racista, o eurocentrismo é uma forma de pensar que permeia e estrutura práticas e representações contemporâneas mesmo após o término oficial do colonialismo. (SHOHAT; STAM, 2006, p. 21)

Segundo Sagredo, no século XIX, havia uma violência de opressão material e epistêmica, na qual o conhecimento sobre Egito passou a pertencer ao Ocidente, assim dominando não somente a política egípcia, mas a sua história também (SAGREDO, 2017, p. 38). No esforço por um conhecimento sistemático europeu sobre o estranho e insólito Oriente (e, portanto, sobre o Egito), a Europa se colocava em posição de força (SAID, 2007 apud. SAGREDO, 2017, p. 41).

Sendo assim, ao longo dos estudos egiptologistas, apareceram algumas teorias sobre as origens dos egípcios antigos, destacadas por Sagredo (2017, p. 45-51). Mais uma vez o imaginário medieval sobre o Egito Antigo vem à tona, uma vez que a Teoria Asiática toma como base a interpretação e cronologia bíblica e a tradição judaica-cristã, na qual os egípcios teriam sua origem a partir do sudeste asiático. Também surgiu

a Hipótese Hamítica, que afirmava que, tendo em vista as evidências de grandes sociedades, o nordeste do continente africano foi povoado por grupos caucasianos, determinado que havia a presença de negros no Egito, porém eram servos e escravos, como no próprio século XIX. Uma outra teoria, a Dinástica Racial, se baseava na ideia de que a unificação e as dinastias do Egito Antigo tinham como origem migrações da Mesopotâmia.

Ainda que certos autores como Constantin François de Chassebœuf (conhecido como Volney) tenham percebido o caráter africano do Egito Antigo, a sua africanização *de facto* ocorreu no século XX, com o movimento Pan-africanista. Para combater o colonialismo de saberes sobre o continente africano, destacam-se, no campo de Historiografia, autores como Joseph Ki-Zerbo, Cheikh Anta Diop, J. F. Ade Ajayi e Théophile Obenga que defendiam o afrocentrismo como ponto de partido nos estudos, dando lugar para uma “superioridade africana”, ou a sobrevalorização do “argumento do **também temos** em vez que valorizar apenas **temos** História” (LOPES, 1995, p. 25, grifos do autor). Assim, é neste contexto em que ocorre a inscrição do Egito como uma civilização africana em concorrência com a tese difundida desde o Medievo de um Egito embranquecido.

Ainda assim, permanecem ideias muito presentes nos dias atuais que desacreditam tanto na capacidade intelectual e cultural dos africanos ao ponto de afirmar que as pirâmides construídas pelos egípcios são, na verdade, construções de extraterrestres. São estes discursos que ainda abrem espaço para representações de personagens históricos e mitológicos do Egito Antigo como homens e mulheres brancos. Assim,

Enfrentam-se num campo de disputas epistemológicas dois heterogêneos grupos. De um lado, aqueles que lutam contra os efeitos da desafrikanização do Egito e da negação do

protagonismo histórico africano. Do outro, aqueles que continuam a desacreditar as investigações produzidas por pesquisadores africanos e afrocêntricos — quase sempre com o argumento de que seus trabalhos têm marcos políticos e ideológicos muito contundentes — continuando, assim, a vincular o Egito ao mundo mediterrâneo europeu ou ao Oriente Médio. (OLIVA, 2017, p. 28-29)

Considerações finais

Tendo em vista a forte presença de uma colonialidade de saberes e de epistemologias nos dias de hoje, compreender o processo da construção de uma imagem do Egito Antigo europeizado e embranquecido pode auxiliar na compreensão de um debate maior. O Ensino de História aparece como uma ferramenta potente para combater o imaginário eurocêntrico, pois os estudos culturais podem ser utilizados para pensar a Educação por meio do deslocamento do aluno em outras memórias. O estranhamento, como Homi Bhabha (1998) afirma, é condição das iniciações extraterritoriais e interculturais, trabalhando com a ideia do hibridismo, e não de polaridade. Ao trabalhar com a ideia de verdades parciais, limitadas e instáveis, somos possibilitados a pensar na construção da cultura, na invenção da tradição e, portanto, na fabricação do discurso.

Este diálogo entre narrativas históricas e temporalidades se coloca como fundamental para compreender o discurso eurocêntrico construído sobre sujeitos subalternos e para desconstruí-la. Essa perspectiva dialógica possibilita a realização de uma discussão entre não somente História Antiga e História Medieval, mas entre vários campos de estudos como a História das Religiões, Historiografia africana, Estudos pós-coloniais e Estudos culturais. A compreensão da construção e da desconstrução de narrativas é um aspecto importante para o conhecimento histórico, especialmente ao sair da historiografia tradicional.

Assim, a partir de narrativas e representações artísticas medievais sobre o Egito Antigo podem iniciar debates sobre construções epistemológicas e construir pensamentos críticos sobre os campos de História da África e de História Medieval, trazendo-os para o presente de modo a extrapolar as tradicionais pesquisas colonizantes e, portanto, a partir de uma perspectiva decolonial compreender e questionar o processo de embranquecimento do Egito Antigo.

Documentação escrita:

AGOSTINHO, Santo. **Confissões, Livros VII, X e XI**. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo et al. Covilhã: LusoSofia Press, 2008.

Bernardus Guidonis, **Biblia Figurata, Pars I**; Bernardus Guidonis, Nomina Discipulorum Domini.

Bibliografia geral:

AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean - Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2006. p. 537-552.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução de Pier Luigi Cabra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAUAB, Fabrício Pedroso. **Da geografia medieval às origens da geografia moderna: contrastes entre diferentes noções de natureza, espaço e tempo**. 2005. 298 f. Tese (doutorado) — Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Tradução de Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa: Edições 70, 1982.

CASTANHO, Gabriel de C. G. A polissemia (social) do deserto: uma história do tópos histórico e historiográfico da solidão monástica no contexto latino medieval. **Revista de História**, São Paulo, n. 173, p. 115-139, 2015.

DIOP, Cheikh Anta. A origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, Gamal (ed.). **História geral da África, II: África antiga**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010, p. 1-36.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

HEGEL, G. W. F. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Madrid: Tecnos, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média**. Tradução de Maria Helena da Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Tradução de Manuel Ruas. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LOPES, Carlos. A pirâmide invertida: historiografia africana feita por africanos. In: **Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África**. Lisboa, Linopazas, 1995. p. 21-29.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e civilizações**. Tomo I (até o século XVIII). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

MACEDO, José Rivair. Os filhos de Cam: a África e o saber enciclopédico medieval. **SIGNUM: Revista da ABREM**, vol. 3, p. 101-132, 2001.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Desafrikanizar o Egito, embranquecer Cleópatra: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNLD 2018. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, [S. l.], n. 10, p. 26-63, 2017.

SAGREDO, Raisa. **Raça e etnicidade: questões e debates em torno da (des)africanização do Egito antigo**. 2017. 172 f. Dissertação (mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2017.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação**. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.